

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. "PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA COM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS", p.61-70. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-5cap>

5

CAPÍTULO

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA COM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu

INTRODUÇÃO

A língua de sinais, usada pelas comunidades de surdos no Brasil, é basicamente produzida com as mãos, embora movimentos do corpo e da face desempenhem diferentes funções. Por ser uma língua de modalidade gesto-visual, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) faz uso de movimentos gestuais e expressões faciais, que são percebidos pela visão (PEREIRA, 2000). É reconhecida legalmente como língua, como sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou patologia da linguagem (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Quanto à estrutura, tanto as línguas de sinais quanto as orais apresentam as mesmas propriedades abstratas da linguagem, mas se opõem fortemente em suas formas na superfície. Os estudos de Stokoe (1960) mostraram que os sinais não são somente imagens, mas símbolos abstratos, possuindo uma complexa estrutura interior. Foi o pioneiro na investigação para buscar a estrutura, analisar os sinais e dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes.

Stokoe primeiramente comprovou que cada sinal é constituído por pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala): o ponto

de articulação, a configuração das mãos e o movimento, e que cada uma dessas partes apresentam um número limitado de combinações.

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinados pontos. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O ponto de articulação dos sinais é o espaço em frente ou em uma região do próprio corpo. Os sinais articulados são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região, tais como: cabeça, mão, cintura e os ombros (FERREIRA BRITO, 1995). Já os movimentos podem envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os internos da mão, os do pulso e os direcionais no espaço (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Durante muito tempo, as línguas de sinais foram consideradas apenas como gestos, incapazes de expressar conceitos abstratos. Só foram reconhecidas como línguas quando surgiu um sistema de notação que pudesse representar a estrutura de seus sinais. As pesquisas sobre as línguas de sinais são muito recentes, se comparadas as línguas orais, que já apresentam uma longa tradição. Além disso, a maioria delas ainda não estão totalmente descritas em seus níveis fonológico, morfológico e sintático e carecem de maior investigação. Com relação à Libras, as pesquisas linguísticas ainda são escassas, e há a necessidade de mais trabalhos na área para ampliar a sua descrição.

Em pesquisa realizada com a Língua de Sinais da Nova Zelândia, Mckee e Mckee (2006) observaram a ocorrência de variação sociolinguística no nível lexical, possivelmente decorrentes do modelo educacional adotado: grupos de sinalizadores mais velhos apresentaram diferenças no uso da língua de sinais, se comparados a um grupo de jovens sinalizadores. O grupo de surdos mais velho teve uma experiência educacional a partir de um modelo voltado para a oralidade, enquanto o grupo mais jovem vivenciou um período educacional em que a língua de sinais foi introduzida nas escolas e a comunidade surda da Nova Zelândia passava por um processo natural de mudança de língua.

A partir deste estudo, surgiu o interesse de verificar como ocorre a variação linguística na Libras, tendo em vista o processo educacional desenvolvido na cidade de Maceió, em Alagoas, decorrente da mudança política e social sofrida por esta língua. Para tanto, apresentamos uma metodologia de coleta de dados desenvolvida para os dados de Libras.

1. PROCEDIMENTO DE COLETA PARA ANÁLISE DA VARIAÇÃO EM LIBRAS

A partir do estudo de Mckee e Mckee (2006) e com base na realidade local, foram selecionados 50 itens lexicais de cinco categorias semânticas, como: alimento, animal, cor, meio de transporte e vestuário. As figuras foram dispostas em tamanho A4, com imagens reais e coloridas. O léxico selecionado foi adaptado de acordo com a realidade dos sujeitos, utilizando figuras comuns na região, por não haver um modelo de pesquisa nacional nem com a língua portuguesa e nem com a Libras.

As figuras correspondiam a: *alimento* (carne, queijo, macarrão, maçã, morango, caju, abacaxi, pão, chocolate e pipoca); *animal* (macaco, borboleta, boi, cavalo, cachorro, tartaruga, sapo, gato, leão e galinha); *meio de transporte* (bicicleta, moto, carro, caminhão, navio, avião, carroça, trem, helicóptero e ônibus); *vestuário* (bolsa, relógio, vestido, gravata, sapato, calcinha, camisa, calça, sandália e chapéu) e *cores* (marrom, azul claro, azul escuro, laranja, amarelo, cinza, vermelho, preto, verde e rosa).

A metodologia usada na constituição do *corpus* foi a utilizada pelos trabalhos de sociolinguística a partir da perspectiva variacionista (LABOV, 2008). A identificação de fenômenos variáveis pressupõe que, para os membros de uma mesma comunidade de fala, existam pelo menos duas possibilidades de representação superficial para uma determinada categoria linguística. A escolha entre as formas não se dá de maneira aleatória ou livre, mas relacionada às variáveis linguísticas e extralinguísticas. As variações são as modificações que surgem em um ou mais parâmetros da Libras, quando apenas um ou dois são modificados temos uma variação fonológica, quando a modificação ocorre nos três podemos dizer que há uma variação lexical. Nas Figuras 1 e 2, verificamos a variação fonológica no item HELICÓPTERO.

Figura 1 – HELICÓPTERO – var. 1**Figura 2 – HELICÓPTERO – var. 2**

Na Figura 1, a mão está aberta e a mão direita está em formato da letra D, enquanto na Figura 2 a mão esquerda permaneceu com a mesma configuração e a mão direita modificou, assumindo a configuração da letra L do alfabeto manual. Os parâmetros ponto de articulação e movimento não sofrem modificações.

A coleta de dados envolveu a participação de 18 sujeitos, sendo estratificados quanto ao sexo e idade, conforme Quadro 1.

Sexo	
Masculino	9 informantes
Feminino	9 informantes
Faixa etária	
15 a 23 anos	6 informantes
24 a 32 anos	6 informantes
33 a 41 anos	6 informantes

Quadro 1 – Extratificação da amostra.

Inicialmente, foi prevista uma amostra com 24 sujeitos, contudo não foi encontrado um sujeito do sexo feminino com faixa etária entre 33 a 41 anos. Restringiu-se, portanto, a amostra a 18 sujeitos surdos, com o seguinte perfil: perda neurossensorial profunda, ausência de comorbidades (como a dificuldade cognitiva), usuários da Libras e do português escrito, com escolaridade entre o ensino fundamental e superior completo, participantes da comunidade surda, residentes na cidade de Maceió.

A coleta de dados teve início após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas, segundo o protocolo de número 786, e durando quatro meses, em apenas um encontro com cada participante. A coleta foi realizada em escolas, associação e centros especializados para surdos, previamente marcada, conforme a disponibilidade dos informantes, e contou com uma aluna do Curso de Fonoaudiologia da UNCSAL ouvinte, que interpretou e explicou em Libras o texto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os sujeitos, bem como o procedimento. No encontro foi preenchida a ficha social para verificar os critérios de inclusão e posterior classificação a partir dos aspectos extralinguísticos (sexo e idade) e, em seguida, as figuras foram mostradas, uma por uma, com a pesquisadora solicitando aos participantes que realizassem o sinal correspondente a cada ilustração.

Todos os encontros foram documentados com uma câmera filmadora, o que possibilitou, posteriormente, a análise dos dados. A filmagem de cada informante realizando os 50 sinais durou aproximadamente cinco minutos. Os informantes foram filmados da região da cintura até o topo da cabeça e das extremidades de um braço ao outro, o que permitiu a visualização total da realização dos sinais.

Apesar dos sinais de cores terem sido coletados, foram excluídos da amostra, pois vários informantes apresentaram dificuldades para realizar a distinção entre eles. A amostra constituída é composta por 900 sinais realizados pelos sujeitos, com cerca de cinco minutos de gravação para cada informante, totalizando 90 minutos.

Foram consideradas como variações as modificações que surgiram nos sinais dos informantes em relação aos aspectos fonológicos em um ou mais parâmetros, visto que qualquer modificação do movimento, da configuração das mãos ou do ponto de articulação pode alterar o significado do sinal apresentado. Inicialmente, para definir o parâmetro de análise, foi utilizado o Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, volumes I e II (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), por ser um material de referência construído a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras. Como a língua recebe várias interferências regionais, um objeto pode apresentar mais de um sinal, dependendo da localização geográfica em que é utilizado.

Durante a análise dos dados observamos que, além dos sinais variarem em relação ao dicionário, apresentavam variação também entre si. Dessa maneira, optamos por verificar a variação apenas entre os pares, em detrimento do uso do dicionário.

2. ANÁLISE DA VARIAÇÃO EM LIBRAS

Para analisar os dados, os sinais foram descritos e, em seguida, verificada a presença ou não de variação, que quando presente, foi correlacionada aos fatores sociais (idade e sexo).

Análises descritivas indicam que 27,5% dos sinais foram realizados com modificações no ponto de articulação, ou seja, dos 40 sinais pesquisados, 11 apresentaram variação nesse parâmetro. As categorias semânticas e os respectivos itens lexicais que sofreram variação neste parâmetro foram: alimentos (queijo, caju, morango e pão); animais (macaco e galinha); transporte (carroça) e vestuário (bolsa, sapato, camisa e calça). Vejamos exemplos dos efeitos dos fatores sociais na variação dos sinais.

2.1. Variável sexo

Para o item SAPATO, a variante mais frequente (Figura 3) apresentou maior número de ocorrência no sexo feminino e na segunda e terceira faixa etária.

Figura 3 – SAPATO var. 1



Figura 4 – SAPATO var. 2



Figura 5 – SAPATO var. 3



A variante da Figura 3 apresenta uma realização mais cuidadosa do sinal em detrimento das outras, o que corrobora com a constatação de Mckee, Mckee e Major (2004) de que as sinalizantes femininas realizam os sinais com maior destreza, sendo a questão articulatória um fator relacionado ao sexo/gênero do sujeito. A segunda variante foi realizada apenas pelo sinalizantes masculinos.

Nas Figuras 3, 4 e 5 observa-se a diferença sutil na execução do sinal, que não compromete o acesso lexical das variantes, identificando o seu significado pelo interlocutor.

2.2. Acréscimo lexical

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que os sinais com pontos de articulação que apresentam mais de um elemento (região principal) em suas representações são considerados complexos. E, segundo Lucas, Bayley e Valli (2003), a variação fonológica afeta as partes básicas dos sinais, essas unidades podem ser alteradas, adicionadas, removidas ou rearranjadas. Observa-se em alguns sinais a adição, o que ocorreu em quatro dos onze sinais, gerando variação no ponto de articulação.

A primeira variante para CARROÇA (Figura 6) evidencia que houve uma adição no sinal, a fim de delimitar o léxico. A segunda variante foi representada pelo sinal da Figura 7.



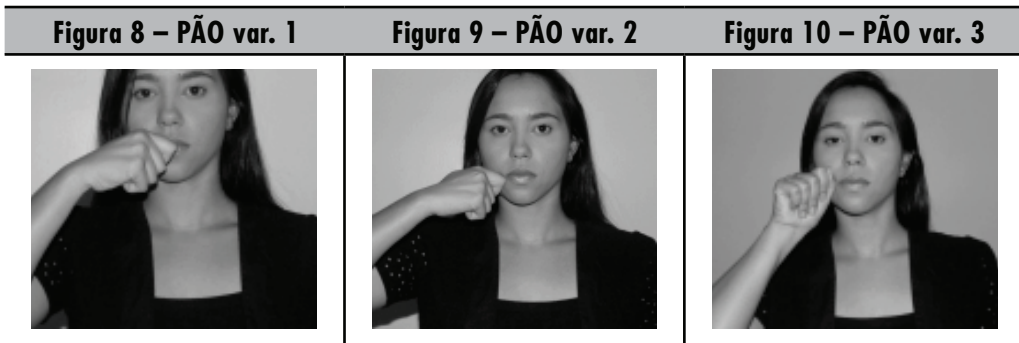
Na segunda variante, sujeitos do sexo feminino apresentaram maior frequência de realizações, apesar de ser considerada uma variante simples. No entanto, o acréscimo não implica uma elaboração mais refinada e sim uma necessidade de melhor explicar o sinal. Fuentes e Tolchinsky (2004, apud MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2004) afirmam que um maior número de variantes pode ocorrer dependendo do perfil social dos informantes, exemplificando que, se os sujeitos forem professores, pode ocorrer um número maior de variantes acadêmicas. Geralmente, os professores procuram elaborar melhor o sinal, o que pode ser o caso, visto que alguns dos sujeitos que participaram da coleta são professores de Libras e um deles apresentou acréscimos em três dos quatros sinais realizados. Esses profissionais tendem a querer explicar melhor o sinal, adicionando mais características e realizando as variantes com acréscimo.

A tentativa de melhor caracterização também pode ocorrer devido ao fato de os sujeitos surdos estarem realizando o sinal para um interlocutor que é ouvinte, como uma forma de facilitar a compreensão, o que pode não ocorrer se o diálogo for entre surdos. Mckee, Mckee e Major (2004) explicam que os informantes podem não realizar o sinal de forma espontânea, dependendo da forma da coleta de dados.

2.3. Variação etária

Sandler (1989, apud Quadros; Karnopp 2004) afirma que o ponto de articulação principal, produzido no espaço neutro, é o local de articulação de um sinal que estará associado a dois subespaços (subníveis). Esses subníveis identificam e distinguem os itens lexicais, assim como os traços distintivos nas línguas orais.

O item lexical PÃO caracteriza-se pela variante frequente ocorrer na região principal do espaço neutro, e as demais serem realizadas em uma região do corpo. As variantes do sinal apresentam subníveis de uma mesma região principal.



A variante mais frequente (Figura 8) foi realizada no espaço neutro em frente à boca (50%), sendo encontrada em todos os informantes da terceira faixa etária. É possível que essa variante desapareça brevemente, já que é utilizada por poucos sujeitos das faixas etárias mais jovens. Tais dados sugerem evidente mudança para a segunda variante (33,3%), realizada pela maioria dos sujeitos da primeira faixa etária.

A lei nº 6.060 de 15 de setembro de 1998, do estado de Alagoas, reconheceu e implantou a Libras na rede pública de ensino para a comunidade surda. Em 24 de abril de 2002 foi decretada a lei nº 10.436, que regulamentou a Libras como a forma de comunicação e expressão da comunidade de pessoas surdas do Brasil. Tais dispositivos legais sugerem que apenas os sujeitos da primeira faixa etária possam ter aprendido Libras nas escolas, com intérpretes, e esse fato contribui para minimizar a variação entre esses sujeitos.

Mckee, Mckee e Major (2004) sugerem que o aprendizado institucional da língua sinalizada vem a refletir um padrão de mudança em direção à substituição de formas fonologicamente mais elaboradas, nesse caso apresentando o ponto de articulação em uma região principal e não apenas no espaço neutro, como pode ser observado nas Figuras 8, 9 e 10.

O parâmetro ponto de articulação apresenta interferência na variação encontrada na Libras, embora seja ainda um parâmetro pouco abordado na literatura. Atualmente, o curso de licenciatura e bacharelado em Letras/Libras tem o objetivo de formar professores e tradutores/intérpretes de Libras/Português e o desenvolvimento da metodologia de coleta aqui apresentada é importante para a descrição da variação linguística entre a comunidade surda do Brasil.

CONCLUSÕES

As variações do parâmetro ponto de articulação da Libras ocorreram por diferenças nas regiões principais, nos subníveis e por acréscimo de outro ponto de articulação. Há variações que comprometem e as que mantêm a compreensão do sinal, e o fator idade apresentou maior influência na variação do que o sexo, sinalizando as variantes inovadoras e as que tendem a desaparecer com o tempo.

A metodologia desenvolvida possibilitou a coleta de dados de Libras e pode ser replicada, o que pode contribuir para o avanço nos estudos sociolinguísticos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Lei n. 6.060, de 15 de Setembro de 1998. Dispõe sobre o reconhecimento e a implantação da Linguagem Brasileira de Sinais-LIBRAS como língua oficial na rede pública de ensino para surdos, e adota providências correlatas. *Gabinete civil do estado de Alagoas*: Palácio Marechal Floriano, Maceió, 110º da república, 1998.
- BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Planalto do governo central*: Congresso Nacional, Brasília, 2002; 181º da Independência e 114º da República.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2001. 1 v.
- _____. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2001. 2 v.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: *Sociolinguistic Patterns*, 1972.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. What's your sign for pizza?: an introduction to variation. In: *American sign language*. Washington: G. U. Press, 2003.

MCKEE, D.; MCKEE, R. Investigating sociolinguistic variation in New Zealand sign language. In: QUADROS, R. M. *Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais*. Florianópolis: Lagoa Editora, 2006, p.127-128; 314-328.

PEREIRA, M. C. C. A Língua de Sinais na Educação de Surdos. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. (Org.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue*. São Paulo: Plexus Editora Ltda. 2000, p. 13-20.

QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in linguistic*, n.8, 1960.